

3555  
529  
CONGRESSO EVANGÉLICO MISSIONÁRIO

— DA —

AFRICA OCIDENTAL

Realizado na cidade de Leopoldville, Congo Belga, de 13 a 24 de Julho de 1946.

℥

Rel. 31082-10 P

Diário duma Viagem

Por

Rev. Gaspar d'Almeida

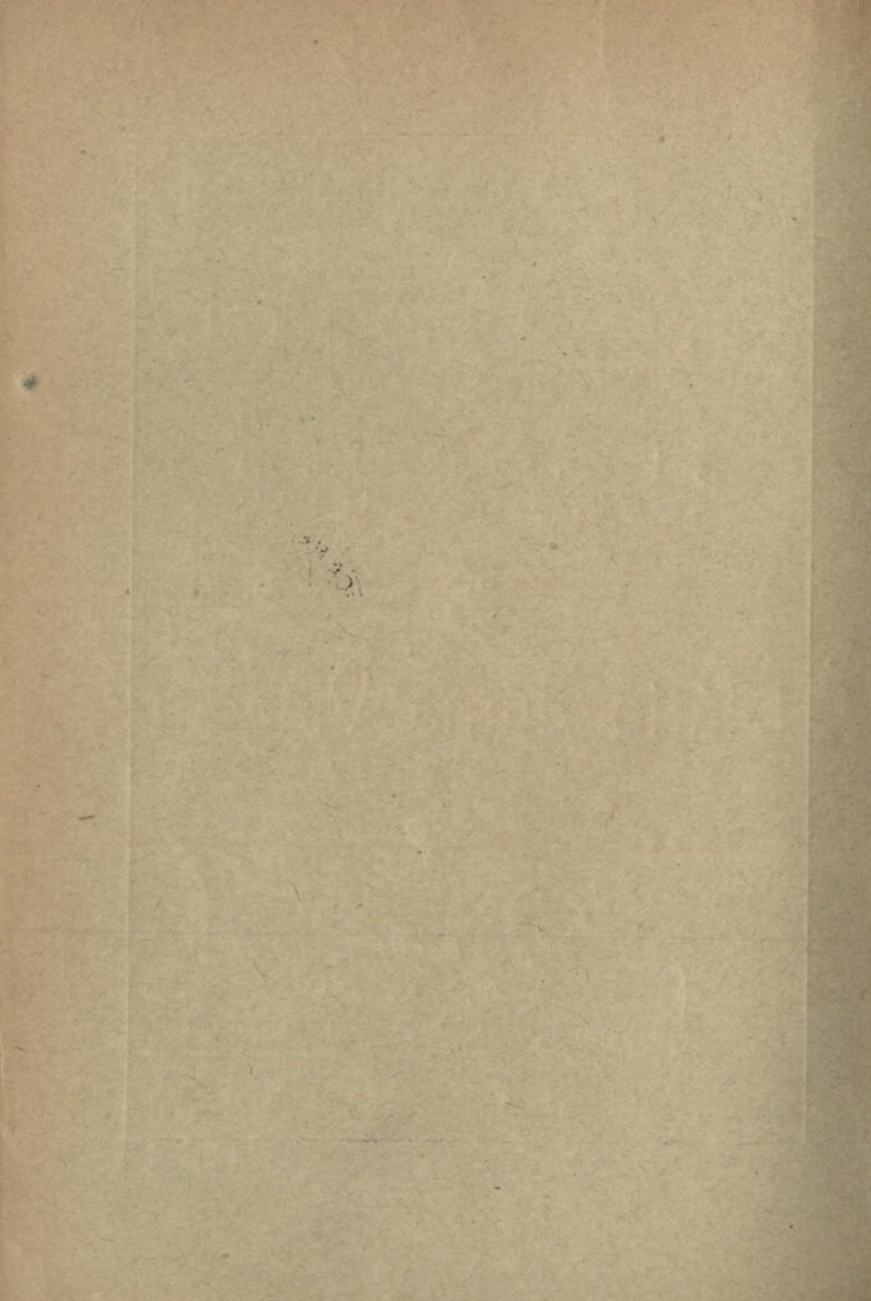
*Director do jornal «O Estandarte»*

DELEGADO DE LUANDA

---

---

Edição do «O Estandarte»



CONGRESSO EVANGÉLICO MISSIONÁRIO

— DA —

AFRICA OCIDENTAL

Realizado na cidade de Leopoldville, Congo Belga, de 13 a 24 de Julho de 1946

∴



Diário duma Viagem

Por R178682

Rev. Gaspar d'Almeida

*Director do jornal «O Estandarte»*

DELEGADO DE LUANDA

---

---

Edição do «O Estandarte»

«Eu vim para que tenham  
vida e a tenham com abun-  
dância». — João, 10:10

**NOTA:** — Está em preparação a 2.<sup>a</sup> edição da  
**História da Semana Santa**



**REV. GASPAR D'ALMEIDA**  
*Director do «O Estandarte».*

***Delegado de Luanda ao Congresso Missionário  
Evangélico em Leopoldville (Congo Belga)  
de 13 a 24 de Julho de 1946.***



## Nota explicativa

*Para satisfazer a opinião manifestada por grande número dos leitores desta reportagem, publicada no Jornal O Estandarte, sob a epígrafe Diário Duma Viagem, se deu a publicidade deste opúsculo da mesma, tornando sua leitura mais fácil, dados os longos intervalos por que foi publicada no referido mensário.*

*Esperamos que o opúsculo tenha o melhor acolhimento por parte de todos os leitores de boa fé, marmente, por todos os africanos\*, aos quais o apresentamos como documentário de esperanças vitais, em cujas meditações a sua alma sempre atribulada encontrará um refrigerante ao lembrar que a despeito de todas as calamidades por que todo o africano tem passado, Deus que de um só homem criou to-*

---

\* Aqui entende-se por Africanos a todos os indivíduos aborígenes de Africa.

*das as raças, nunca se tem esquecido dele; assim como se depreende do magno Congresso Missionário Evangélico de Leopoldville, o mais humano sob o ponto de vista cristão e o primeiro que a história regista, realizado na costa ocidental de África a prol da raça africana.*

*Agradecemos, portanto, o esforço gigantesco de missionários, portadores do puro Evangelho de Cristo, e confiados nas promessas infalíveis de Deus, aqui levantamos a nossa prece: Salva-nos, Senhor!...*

## O AUTOR



## Satisfação e desculpas

Venho tentar fazer a reportagem da minha viagem a Leopoldville, Congo Belga, onde fora como delegado, assistir ao memorável Congresso Missionário de África Ocidental, realizado naquela capital vizinha de 13 a 24 de Julho 1946.

Sinto-me inteiramente satisfeito por ter aparecido entre nós, alguém possuído de maiores predicados de saber, poliglota, que tomou espontaneamente a incumbência de fornecer aos prezados leitores do «O Estandarte» o relato do aludido Congresso, função que desempenhou tão esmeradamente que sem contrapрудência, posso lhes confessar que trabalho tão conciso não podia haver outro que o competisse. Fico, portanto, a agradecer a generosidade do meu prezado amigo Rev. A. Pinto Ribeiro Jor., ilustre representante da Obra Evangélica de Portugal àquele Congresso e consagrado pastor da Igreja Lusitana Evangélica de S. em Lisboa, pessoa de uma graça imperturbável, a quem tive o privilégio de conhecer e aquilatar as suas sublimes qualidades como homem e como

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

Cristão, durante a nossa viagem da ida a Congo Belga, que se dignou de o fazer.

\*

Peço desculpas aos leitores que acompanharem esta descrição pelas divagações e pormenores que, quiçá, julgo não encontrarão no amago de alguns, nenhuma predilecção. Gosto de me interessar de tudo quanto a minha vista alcance e por isso sou neste assunto um pouco minucioso.

## Partida de Luanda

Parti de Luanda no dia 2 de Julho, terça-feira, às 6 horas de manhã, no combóio habitual para Lucala onde cheguei às 16 horas. Tinha que fazer esta viagem antecipadamente para conseguir lugar na camioneta que faz carreiras dali a Maquela do Zombo para mim e para os meus colegas Jessé Chipenda, de Lobito, e Filipe de Freitas, de Quéssua.

Logo que desembarquei, a minha primeira preocupação foi, procurar informar-me da carreira. A boa gente do Lucala esclareceu-me que ela tivera algumas avarias e, logo que foram reparadas, partiu para Maquela devendo regressar cá apenas no dia 13. Desânimo. E não há aqui carros que fazem carreiras para Maquela? perguntei, um pouco inquieto e a resposta também foi negativa. Daí dirigi-me a uma sucursal evangélica ali existente, onde encontrei apenas o irmão Manuel Agostinho Fernandes que me foi muito útil bem como a sua família. O pastor local, então Rev. Santos Matoso foi a Quéssua fazer parte da conferência anual que se realiza ali sob a

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

presidência do ilustre Bispo N. S. Booth. No dia 4, quinta-feira, vindo do Quéssua veio fazer-me companhia o colega Filipe de Freitas; com ele troco impressões e faço-lhe ver as dificuldades que há com os meios de transporte; Freitas parece ocultar-me uma pequena aflição mas depois conforma-se com o que der e vier.

No dia 5 de manhã, um chauffeur promete-nos levar até Damba no dia seguinte, e continuarmos a viagem com qualquer carro que para aí passasse por acaso; sem medirmos dificuldades, aceitamos seguir com esse chauffeur. A tarde passava o combóio de Luanda para Malange, no qual viajavam os missionários Revs. Dr. João T. Tucker, pessoa de invulgares qualidades que todos conhecem, Dr. John Rullyng, Inspector da Junta Americana das Missões, residente em Boston, Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior, pastor Jessé Chipenda e professor Álvaro Lutucuta. Os ilustres viajantes estavam cheios todos de optimismo o que é raro ver-se em muitas pessoas depois d'uma viagem de mais de 10 horas nestas partes de África, onde o calor solar indispõe e consome a inergia do homem. Partiram e acenavam para mim e eu para eles; julgo ter-me ajuizado bem, quando me lembrava de que eles eram embaixadores do Rei dos reis... Procurei o companheiro Freitas e voltamos para casa com certeza de que partiríamos amanhã como ficou combinado. Na manhã seguinte, dia 6, o nevoeiro ainda não se tinha espancado, quando fomos procurar o chauffeur, o qual, ao ver-nos à pequena distância, o seu semblante era como de quem estava comprometido. Estávamos a cumprimentá-lo quando, tristemente, nos diz que não podia nos levar; que o carro estava estragado, tinha o quê... e quê... que nós não sabíamos, porque ora dizia que um inimigo deitara-lhe açúcar no motor, ora lamen-

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

tava uma infelicidade na sua vida. Desânimo outra vez. Estávamos quase mudos; entretanto, cada um de nós revelava ao outro o segredo de sua fé e estávamos de acordo em dizer:—«Deus proverá».

A tarde voltamos a vila e, estávamos a chegar, quando um outro chauffeur vindo do Uíge veio-nos dizer que tinha chegado um chauffeur de Maquela que amanhã regressa e leva passageiros. Corremos a encontrar o homem, e depois de, com êle, trocarmos impressões expusemos-lhe a nossa situação e a urgência que tínhamos em seguir para Maquela. O chauffeur que a despeito de tudo mal olhava para nós, recusou se terminantemente alegando não receber ordens do patrão para levar passageiros. Pessoas estranhas intrometeram no assunto intercedendo por nós, mas nem por isso. Maior desânimo. Nesta altura as pernas já não se sentiam com bastante força para aguentar o corpo. Contudo, soube dar-lhe razão, porque podia melindrar o patrão, correndo risco de perder o seu bom emprego; retiramo-nos daí e, por caminho, disse ao meu colega Freitas: Sinto certa satisfação dentro de mim e confesso-te que este chauffeur há-de nos levar. O amigo Freitas volta-se para mim e diz: então o sr. crê que esse chauffeur tão indiferente como ele é, possa-nos levar!... Sim, sinto esta certeza comigo. «Deus proverá. Chegamos a casa e cada um de nós lançou-se a cama como se fosse carga, mas falando em silêncio com Deus. E na nossa oração dizíamos: «Senhor, se é tua vontade que façamos esta viagem, esperamos que o caminho nos seja aberto». Não tinham passados 15 minutos, quando uma voz de alguém invisível me disse: procurai arranjar uma carta de uma firma comercial que vos recomende ao patrão do chauffeur e deste modo podereis seguir. Levantei-me e con-

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

tei o sucedido ao amigo Freitas. Eram já 19,30 horas, quando saímos para procurar o chauffeur que concordou com esta última resolução, acrescentando que as únicas casas que podiam passar essa carta eram Robert Hudson & Sons Ltd. e Diogo & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>. Aguardou-se tudo para o dia seguinte. As 7 horas de manhã desse dia, isto é, 7, dirigimo-nos a casa da firma Diogo & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>. A porta estava meia-aberta e quando nos aproximamos, vemos a vir ao nosso encontro um venerando ancião, sócio da firma, de sorriso simpático, que depois de escutar os nossos anseios prontificou-se logo a passar a carta de recomendação sem exigências quanto ao pagamento que podia ser, segundo éle, lá ou cá, depois de regressar. Admiração!... A carta foi feita e nós ao recebe-la curvamo-nos agradecidos. No caminho fomos comentando o facto da amabilidade do respeitável ancião da considerada firma Diogo & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>. Nós que vivemos no mundo de espera, de logo e de vem amanhã, e isto representando tempo interminável, consideramos o caso como bastante significativo. As 10 horas chegava o combóio de Malange a Luanda e às 10,30 horas estávamos na camioneta, prontos para partir.

## Partida de Lucala a Maquela do Zombo

O carro tinha arrancado apenas poucos metros, quando nos descobrimos para render graças a Deus. A alegria toma agora domínio sobre nós e toda preocupação que parecia toldar a nossa fé, desaparece. É dia de sol ardente: os campos devastados pelas queimadas apresentam aspecto triste e desolador. Pela estrada a poeirada é insuportável. O chauffeur é cauteloso e só quer andar 45 quilómetros a hora na estrada normal. Temos nele bastante confiança. Pelo caminho fora, avistam-se, como nas ruas da cidade, muitas pessoas, algumas das quais levavam enormes pesos de géneros alimentícios, a procura de centros comerciais para onde os pudessem colocar. Passamos as primeiras aldeias; e para diante depara-se-nos uma linda paisagem que nos deslumbra a vista. É uma plantação de sisal que margina a estrada e que paralelamente a segue até perder-se quase dentro de uma grande fazenda—a de Quigia—onde o farfalhar do palmar como um ventilador refresca e consola o viajante. Breve passamos este delicioso trecho e para

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

diante os campos continuam sempre dolentes e smee beleza.

As 13,15 horas chegamos em Cuso. Ali almoçamos, e, passados três quartos de hora, o chauffeur não se faz rogado, põe o carro em marcha. As aldeias à margem da estrada têm entre outras, algumas casas exteriormente *caiadas*. Algumas só têm como única abertura a porta e nas outras, além desta, um desenho que ao longe parece uma janela. As crianças, regra geral, quando sentem o movimento dos carros, abeiram-se à estrada e gritam cumprimentando cheias de alegria. Os homens às vezes esquivam-se e os velhos conservam-se indiferentes e nem querem olhar para quem passa. Mais adiante vemos, aqui e acolá, montanhas que atestam a sua imovível e secular supremacia; como contraste, atravessamos também pequenos rios graciosos que correm cantando para irem beneficiar, em alguma parte, muita gente, quer bebendo-lhe a água, quer desviando-lhe o leito para regarem campos de sementeira.

Bendita Natureza, que gozo e que delícias, oferece ao viandante!

Às 15 horas estávamos em Samba Cajú. O chauffeur, que é também carteiro faz a distribuição das cartas aos comerciantes, trata de outros assuntos com pessoas das suas relações na povoação, e passada meia hora, estávamos novamente de caminho. A viagem continúia no mesmo ritmo e as 18 horas chegamos em Pambo Assonho. Aqui encontramos o irmão Cristóvão Agostinho Gomes, empregado comercial e sua família, que nos acolheram com muito gosto. Depois do jantar oferecido por estes irmãos, divertimo-nos a ler alguns jornais após do que fomos dormir. A partida no dia seguinte, 8, fez-se às 4 horas



## DIÁRIO DUMA VIAGEM

de madrugada; passamos em Camabatela às 5,30 e em N'gagè às 7,20 horas.

Daqui até Maquela a estrada é óptima, diz o chauffeur, por isso, não tem receio em acelerar a marcha. A poeirada aumenta e em alguns lugares a paisagem começa a atrair a nossa atenção. Do Posto do Bungo para frente vêem-se em áreas quase sucessivas grandes povoações à beira da estrada. Dadas as mudanças bruscas de que os povos estão sujeitos, conseguem por experiência própria construir umas casitas que em geral não têm mais do que dois metros e meio de comprimento por um e oitenta de largura. As quatro paredes feitas de colmo são preparadas à parte; escolhido o sítio de construção, inspetam no chão grossos paus nos quais amarram as paredes.

O teto, também feito de colmo e semi-círculo é muito interessante. Nesta tarefa ainda vimos alguns homens a levarem paredes das casas para iniciar suas construções. Há nestas aldeias um avultado número de crianças que como todas as outras expõem-se sempre à estrada. Estávamos no meio da povoação e, quando desci, com grande surpresa vi que estavam mais de trinta crianças que me cercavam. Quis participar na sua alegria sem nenhuma mescla de lisonja, e cumprimentei-as mas não me responderam. Pedi-lhes que cantassem um hino, não me compreenderam e comecei a cantar: «Vindo Ele. Vindo Ele, as jóias colhendo»... Todas olhavam para mim espantadas. Entendi que não compreendiam português e iniciei outro hino em kimbundu: «Kunia kunia, ku jixi ja mäkanga Mu itombe bui akuetu ia buila». «Eis os milhões que em trevas tão medonhas, jazem perdidos sem o Salvador» Algumas crianças riam-se de mim. Pensei: onde estou eu?!... E logo lembrei-me que estava no

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

Congo Português.

Enquanto procurava desvendar o mistério perante as crianças, as quais eu queria fazer compreender do que lhes dizia, sai da povoação um homem dono duma casa que acompanha a evolução moderna, que o Estado lhe mandou construir, e cumprimentando-me correspondi-lhe com muita simpatia. Depois de troca de impressões, faz-se conhecer e diz que é o Soba da região. Reitero-lhe os meus reconhecimentos.

Faz-me saber que todas essas povoações são católicas. As crianças dançavam e cantavam cânticos da terra, diante de mim e foi pena que não as podia compreender. O povo por esses sítios vive, na sua maioria, no estado primitivo. A endumentária é duma simplificação que confrange a consciência do viajante atendendo ao século. As pessoas de todas as idades e sexos passam de corpo a léu.

As 13 horas tínhamos chegado ao Posto de 31 de Janeiro; aí está uma filial do patrão do chauffeur. Depois do almoço, o empregado que aí encontramos prepara o correio, e às 14 horas, partimos daí e passando a Damba às 15, chegamos na povoação de Quibocolo, aproximadamente, às 17,30 horas. A camioneta parou aí. E como me aconteceu no outro sítio, logo que desci muitas crianças me cercaram pulando e gritando num dialecto por mim desconhecido. O meu coração ficou depressa simpatizado. Associei-me a elas e comecei a ensinar-lhes a cantar; foi tudo em vão, porque em vez de me acompanharem abriam-se em gargalhadas estridentes como que nunca tivessem visto coisa igual.

Enquanto esperávamos o chauffeur atender o povo, chega o automóvel do ilustre missionário Rev. Dr. Tucker com os seus companheiros de viagem. Tro-

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

camos impressões sobre a viagem. Tudo, bem como nós, ia óptimamente. Passam e pouco depois seguimos-lhes tendo chegado a Maquela do Zombo às 19,30 horas. Fomos para o hotel, então em preparação, do sr. Jacinto Fernandes, patrão e dono da camioneta que nos levou, o qual foi para nós todes de uma cordialidade excepcional.

... ..  
... ..  
... ..  
... ..  
... ..

## Partida de Maquela e dal Moerbeke

No dia seguinte, 9, depois do ilustre missionário Rev. Dr. Tucker apresentar a nossa documentação a autoridade administrativa local, passando pela delegacia de Saúde, partimos dali cerca das 10,30 horas. O comerciante sr. Jacinto Fernandes colocou a nossa disposição outra vez a sua camioneta e partimos para a fronteira com o mesmo chauffeur. Alguns quilómetros depois da partida, uma grossa trave corta-nos a passagem. Era o guarda fiscal. Cumprida a sua missão autoriza-nos passar. Daí para diante a vista das povoações era a mesma; a estrada muito irregular; entretanto, tudo correu bem até Quimpundo, fronteira belga, onde chegamos cerca das 13 horas. O ilustre missionário Dr. Tucker dirige-se a secretaria onde se encontrava um funcionário nativo investido de toda a autoridade. Este pede ao sr. Dr. Tucker esperar até as 14 horas, horas oficiais para abrir a repartição. Às horas marcadas, o infatigável missionário bate a porta da secretaria e, cumpridas todas os praxes legais, às 14,30 horas estávamos prontos para partir,

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

rumo a Moerbeke.

Já estamos dentro da colónia Belga. Entre muitas pessoas que nos rodeam há apenas uma que pode balbuciar algumas palavras em língua portuguesa. O comércio aqui havido com casas bem fornecidas, em número de cinco, é exercido pelos nativos.

Transpomos apenas uma linha divisória acentuada pelos tratados políticos, que nada têm que ver com mudanças de terras que continuam sempre uniformes. Uma vista rápida faz-nos crer que aqui a tendência do povo mais atrasado é de procurar arreigar-se cada vez aos mais bárbaros costumes primitivos. Vimos cá, como é também costume em Angola, grupos de naturais levando garrações de *marujo*, líquido fermentado extraído das palmeiras, em estado de completa insensatez, devido a bebedeira demasiada. Isto é notório em povoações onde a salutar doutrina do Evangelho ainda não é conhecida ou onde o povo dela é privado. Em alguns sítios ermos onde se não vêm aldeias próximas encontramos grandes ajuntamentos de pessoas, caso que em Angola nos dá a ideia de um dia de concentração em Zona Sanitária; todos falavam ao mesmo tempo. Como estranhos ao facto, ousamos perguntar: Q'est c'est que c'est que ça? — C'est le marché—responde um dos que ia conosco.

É um mercado ao ar livre e tão estéril é o lugar, que não existe a mínima sombra de árvore. Os naturais com certa preparação mostram um acentuado progresso, distinguindo-se do seu conterrâneo inculto que assiste a todo o transladar da terra, presumo, em divassidões. Mais para diante a aproximar a Moerbeke a paisagem apresentava-se atraente. Em Quibentele fomos surpreendidos com uma oferta de dúzia e meia de laranjas. O benémerito que naquela hora de

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

Muito calor se lembrou de nós, era o pastor da Missão Baptista, Labaki Shadaki Kyende, homem de pequena estatura, físico de um torturado pela miséria, mas em cujo semblante refulgia bondade, zelo e todas as maneiras de um cuidadoso pastor. Dirigia-se a sua Capela com os seus livros na saca, e quando se lembrou que esses forasteiros, embora desconhecidos, deviam sentir necessidade de algum fresco, interrompeu o que ia fazer para um momento e voltou a casa donde trouxe a oferta. Para a ocasião, talvez um sermão não valesse tanto. Agradecemos e a nossa viagem continuou no mesmo ritmo; passamos a uma vasta área com plantação de cana sacarina e às 18,30 horas chegamos a Moerbeke.

Aqui encontramos um comerciante português que agasalhou os nossos companheiros missionários e nos forneceu cobertores que estendemos na garage, onde passamos a noite, dormindo o sono de um viajante. Às 8,30 horas do dia seguinte, 10, dirigimo-nos a estação de caminho de ferro onde encontramos um funcionário nativo que muito se simpatizou com a nossa presença. O combóio só chegaria às 12 horas e por isso tivemos bastante tempo de ver alguns sítios ao redor. Os missionários resolvem visitar a Missão de Quibentele, ficando conosco o Pastor Jessé Chipenda e o professor Álvaro Lutucuta. Às 11 horas estávamos na bilheteira perguntar pelos bilhetes. Quisemos viajar em 2.<sup>a</sup> classe mas não nos foi possível. Informou-nos o chefe que não é permitido aqui ao africano viajar em 2.<sup>a</sup> classe. Não foi para mim alguma novidade mas para os meus colegas foi, e, por isso, olhavam-se com admiração.

The first part of the history is a general account of the  
country, its situation, extent, and the manner in which it  
was discovered. It also contains a description of the  
climate, soil, and the various productions of the  
country. The second part is a history of the  
settlements, and the progress of the colony from  
its first establishment to the present time. It  
contains a detailed account of the various  
events which have taken place, and the  
causes which have produced them.

The third part is a history of the  
commerce of the colony, and the manner in which  
it has been carried on. It contains a  
description of the various articles of  
commerce, and the manner in which they  
are transported to and from the colony.  
The fourth part is a history of the  
education of the colony, and the manner in which  
it has been carried on. It contains a  
description of the various schools, and the  
manner in which they are conducted.



## Partida de Moerbeke a Leopoldville

As 12 horas estava o combóio a estação; metemo-nos na carruagem que a sorte nos predestinou e minutos depois parte, rumo a Leopoldville. Durante o percurso a paisagem apresentava-se sem nenhuns cambiantes. Foi curioso notar que durante a viagem a ninguém foi obrigado a exhibir o bilhete, nem vimos passar pela carruagem o revisor de bilhetes.

É que aqui o passageiro compra o bilhete na estação de embarque e só o entrega na outra do desembarque procedendo contra quem não o tenha apresentado depois de desembarcar. Eram já 18 horas e estávamos a ver a cidade, quando a nossa atenção estava desviada a ver o grande rio Zaire que a distância mal se podia medir a largura. Na estação aguardava a nossa chegada um missionário com Taxi que nos levou até Caliná, lugar que serviu de acampamento do exército americano e cujas casas obsequiosamente foram dispensadas pelas autoridades belgas para a realização do Congresso. Eram cerca de 18,30 horas, quando colocamos a bagagem num grande

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

salão que nos foi indicado para nos hospedar e onde já encontramos camas postas com indicação do nome de cada delegado. Nós fomos um dos primeiros a chegar. No dia seguinte, quinta-feira, 11, fomos nos inscrever no «Bureau» e pagar a quantia extra das despesas em comedoria etc, para os dias que havíamos de esperar até começar o Congresso. Os aviões duma e doutra direcção aumentavam, durante os primeiros dias após a nossa chegada, em proporção sempre crescente, o número dos delegados.

De Angola viajaram de avião o Revmo. Bispo Booth, Rev. Linwood Blackburn e esposa e Madame Leona Tucker. As refeições tomadas num salão eram em comum. Foi esta a primeira lição da unidade que revelou na primeira etapa a suprema estrutura moral do grande Congresso.

Tivemos algumas ocasiões de visitar a cidade que do sítio onde estávamos distava mais ou menos 45 minutos de andar, a pé. Para satisfazer curiosidades desejo dizer que, a meu ver, comparando a cidade de Leopoldville com a de Luanda não exito ao confirmar que a cidade de Luanda é mais bonita. A primeira pessoa conhecida que encontramos no primeiro dia foi o nosso amigo Francisco Batalha, alfaiate, natural de Luanda, a quem certos desgostos o impeliram a ganhar a vida de preferência em terras estranhas. É sempre a mesma pessoa depois de muitos anos de ausência. Depois fomos-nos encontrando com mais pessoas que muito se congratularam com a nossa chegada.

## Abertura do Congresso

Como é do conhecimento dos leitores consoante o relato publicado em primeira mão nos números, 123 e 124 do nosso Jornal, o Congresso foi inaugurado às 15 horas do dia 13 de Julho. Escuso, portanto, fazer vãs repetições do que já se disse e limito-me apenas a esplanar vagas impressões que comigo ficaram gravadas e guardadas com devido respeito no escrínio do meu coração.

As sessões tiveram lugar num salão em cuja tribuna era enfeitada com obras de arte indígena obsequiosamente dispensadas para esse fim pelo Museu do Congo Belga, e anunciadas por meio de *Ngoma*, tambor indígena feito de um tronco de árvore.

Presidiu ao Culto Religioso das 20 horas, o Rev. Dr. Tucker e eu fiz a leitura das Sagradas Escrituras no livro do Profeta Isaias capítulo 35. O Rev. Dr. H. Wakelin, secretário geral do Conselho Protestante em Leopoldville, um dos grandes *leaders* na organização do programa deste Congresso, agradece comovida-

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

mente a todos que contribuíram para que tudo estivesse em ordem e em especial as autoridades administrativas que muito lhes facilitaram na aquisição de muitas coisas de que necessitavam e termina por dizer: «Se em tudo isto, Deus nos ajudou, esperamos também que Ele estará conosco para nos ajudar em todo o trabalho».

Entramos depois na sessão plenária do Congresso tendo tomado lugar na tribuna o eminente missionário Dr. Emory Ross, que leu a sua importante tese condensando o tudo em pouco os magnos propósitos do Congresso e das responsabilidades de tudo ante toda a Tarefa da Igreja de Cristo em África.

Como missionário de bastas experiências que viveu no Congo durante muitos anos, acompanhando o Africano pé-ante-pé, auscultando-o nas suas dores e em todas as suas mais tormentosas crises da vida diária, tudo isto acrescido à grandeza dos seus nobres sentimentos como Enviado do Senhor, capacitou ao *leader* missionário a declarar verdades tão convincentes que nos comoveram profundamente.

Eis uma passagem oportuna da sua tese: «A raça Africana está muito dividida: pelas diversidades de línguas, pelos territórios e ainda pelas novas civilizações havendo já diferença de costumes entre os civilizados e os não civilizados. Demos ao Africano o Evangelho e uma civilização real e profundamente cristã». Fala no erro que há do branco querer impor ao homem de côr a sua superioridade, só porque é branco; insiste em que de mãos dadas se deve criar uma frente única a qual é de espalhar o Evangelho de tal modo que o Africano seja salvo por Cristo. E finalmente o ilustre missionário reunindo as partes num todo, diz: «Nestes tempos mais do que nunca,

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

devemos sentir os sofrimentos dos africanos, porque, hoje mais do que nunca, estão mais em contacto conosco pela curteza das distâncias. A sua alegria será a nossa e as suas dores serão as nossas dores. Em todo o nosso trabalho devemos colaborar com os governos para que não exista a mínima desconfiança e também devemos ser humildes em primeiro lugar e ter confiança em Deus para realizarmos esta obra de uma forma perfeita».

Perante declarações tão salutares, nós, os delegados africanos, sentimos «A Grandeza do Reino do Messias» descrita pelo vidente profeta Isaías no capítulo 35. Sentimos chegado o momento da visitação de Deus para libertação do seu povo; sentimos mais do que nunca o grande amor de Deus que se manifesta sempre nas ocasiões mais oportunas. Passamos horas em que era preciso limpar uma lágrima que se deslizava espontânea pela face e nos olhávamos uns aos outros sem falar como se estivessemos em face de coisas sobrenaturais.

No Domingo dia 14, o Culto Religioso teve início às 11 horas; o pregador dissertou sobre o tema do Congresso PARA QUE TENHAM VIDA E A TENHAM COM ABUNDANCIA. S. João 10:10. Tema tão oportuno que só êle traduz toda a índole do Congresso.

A tarde, o culto realizou-se ao ar livre e assistido por cerca de 10.000 pessoas. Neste dia tivemos a oportunidade de ver grupos interessantes de coro com o seu uniforme a soldados e oficiais.

Estes grupos pertencem a uma Igreja denominada «Exército da Salvação», Todos os seus membros têm fardas. Têm patentes de soldado a coronel do

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

Exército da Salvação. Faz parte deste grupo o nosso amigo e irmão Simão Toco, que viveu conosco cá em Luanda durante dois anos, quando estudava no Liceu. Foi uma tarde bem passada e comunicativa. Foram-nos apresentados muitos amigos que só nesse dia apareceram para assistir ao culto. A noite tivemos um Culto de louvores a Deus.

## Os propósitos do Congresso

O assunto principal que se tratou no Congresso, que mais nos deve interessar na nossa qualidade de africanos, é muito vasto; porém, se pode sintetizar em poucas palavras. É que Deus inspirou nos nossos dias aos que constituem o elo da ligação dos primeiros apóstolos—os missionários— a forma mais viva, como direi, mais perfeita de interpretar o ensino de Jesus em todos os seus pontos mais edificantes e vitalisadores.

A nossa vida estagnada que não tem nenhuma explicação no campo biológico nem etnológico, senão por falta de oportunidades, tem preocupado muito a mente desta nobre Grei, que estuda os nossos defeitos e estima em parte, algumas das nossas virtudes. A vontade firme e mais do que humana, sem nenhuma mescla de egoísmo, orientada por uma força dinâmica que obedeceu aos dictames de nosso Senhor Jesus Cristo, o Salvador do mundo, impulsionou os corações destes apóstolos para que se realizasse este Congresso num dos cantinhos da parte ocidental deste

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

continente de África, onde os valores espirituais e intellectuais de muitas partes do mundo se reunissem para resolver por forma mais rápida e eficaz e pôr em prática todos os problemas que pudessem levantar a raça africana do obscurantismo e colocá-la ao nível da civilização.

Os conhecimentos étnicos da vida africana tiveram uma reconhecida vantagem nos apóstolos de boa vontade para solução desses magnos problemas e tornaram-lhes capazes de assentar os seus resultados em bases seguras.

A difusão da doutrina de Cristo sem barreiras em todos os centros populacionais nativos, a abertura das escolas desde as primárias até as superiores, nas quais os africanos, sem excepção de sexos, terão largo acesso para evoluir as suas mentalidades adormecidas, a criação em grande escala de escolas de enfermagem com tendência de serem ampliadas em faculdades, o cultivo de artes e officios, o conhecimento de processos técnicos para o desenvolvimento das indústrias, enfim, o combate geral do analfabetismo, entre os cristãos professos; tal é a súpula do plano consumado do Congresso, cuja execução terá o condão de sacudir o jugo que pesa sobre o africano e levantá-lo da letargia. Tal é o propósito que a história registará com letras de ouro, revelado neste magnífico Congresso no qual os Missionários Evangélicos num rasgo de altruísmo souberam interpretar com inspiração divina a vontade de Cristo, o Redentor, que diz: «Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância».

A aprovação pelos Governos da execução deste plano, em cujo fundo se reflecte não só um verdadeiro sentimento humano mas também uma perfeita ins-



## DIÁRIO DUMA VIAGEM

piração divina e a cooperação sempre simpática dos missionários evangélicos que trabalham neste continente de Africa, constituirão os principais factores que hão de realizar o milagre do parálítico de Capernaum.

E p ra que não seja confirmado aquilo que nos dizem de que o africano é indolente, levantemo-nos todos nesta hora redentora e saibamos corresponder efectivamente aos grandes ideais que se alevantam para o nosso ressurgimento!

Os meus prezados leitores estão a notar que o meu Diário, às vezes, afasta-se um pouco do seu trilho. É verdade, mas se não fosse assim seria impossível relatar assuntos de tão grande alcance em poucas palavras.

Há momentos que me sinto estar ainda dentro do Congresso a assistir às reuniões daqueles embaixadores que começam os seus trabalhos cantando, suplicando por tudo a bênção do Senhor e falando das suas experiências missionárias por Cristo Jesus. Vejo o escol de Missionárias a defender os interesses da mulher africana, cuja educação deve ser especial, porque sem ela não há lar e sem lar não há progresso entre raças ou nações. Estou ainda a lembrar-me da ansiedade com que elas pretendem propagar todo o género alimentar de produtos vegetais ou animais com propriedades necessárias para a nutrição dos povos. A minha admiração aumenta em proporção sempre progressiva, quando me recordo dum telegrama enviado da Europa por um lider que deu muitos anos de vida missionária na África (Congo Belga) que ao saudar aos Congressionistas dizia mais ou menos assim: «Ao saber que vós estais aí a executar um plano que tem por fim levantar o africano das trevas da igno-

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

rância, sinto-me como Simeão. E quem era Simeão? Era aquele fidelíssimo crente que quando viu e tomou o menino Jesus em seus braços, louvou a Deus e pediu que pudesse sair já do mundo, porque já viu a salvação que Ele preparara para todos os povos.

Os dias foram todos de ininterrupto estudo, trabalho e execuções.

## O que pode ser o Africano

Está no plano das execuções que o africano deve possuir uma preparação literária bastante esmerada para vir a ser um escritor, bom tradutor e dispor á vontade as suas faculdades mentais e todos os dons que, sem dúvida, o ornamenta.

A imprensa foi classificada como de valor primordial para a evolução dos povos. O cinema como meio prático de educação visual com filmes seleccionados é de capital importância para estimular o intellecto. A necessidade de se salvar o africano torna-se ingente e a Cruzada de Cristo toma medidas urgentes para se tornar tudo em factos palpáveis.

É invocado o nome do Dr. Laubach, milagroso sábio norte americano, inventor do método de ensinar a ler e escrever em poucos dias; método que já tem sido empregado em vários países com resultados tão eficazes como espantosos; referiram-se dele no sentido de ser convidado para vir a África, para com o seu ensino espancar as trevas de que está coberto o povo africano — O *analfabetismo*.

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

**Costumes africanos:**—Acerca de costumes africanos há que combater na sua totalidade a poligamia por ser prejudicial à civilização e disvirtuadora dos lares. Há que combater tudo quanto cause medo ao africano como sejam as crenças falsas, a idolatria, feiticismo, etc.

Atendendo que no casamento tanto a família do noivo como a da noiva todos entram por afinidade numa comunidade familiar, o alembamento, cujo preço sobe de ano para ano, e muitas vezes com seus característicos perturbadores, foi considerado como coisa que não deve existir entre famílias cristãs, podendo ser substituído por ofertas voluntárias.

O folclore africano é abundante em canções, provérbios e fábulas de valor intrínseco; pena é que os antepassados africanos não foram conservadores pela razão simples de não saberem escrever; devem-se popularizar, aquelas canções regionais que lembrem o passado e que tenham sentimentos moralizadores repelindo-se as que contenham obscenidades. Os provérbios e as fábulas são de grande alcance na filosofia africana e por isso, a sua conservação adaptando-as as modalidades da civilização é de suma importância.

\*

Na Quinta-feira, dia 18 de Julho, às 16 horas, todos os Congressionistas tiveram o ensejo de assistir ao filme de leprosos exibido no Cine Teatro Belga pelo eminente médico Dr. Kellersberger. Aí com os corações internecidos podíamos ver até onde se estende a miséria da raça africana e razões havia de nos pergun-

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

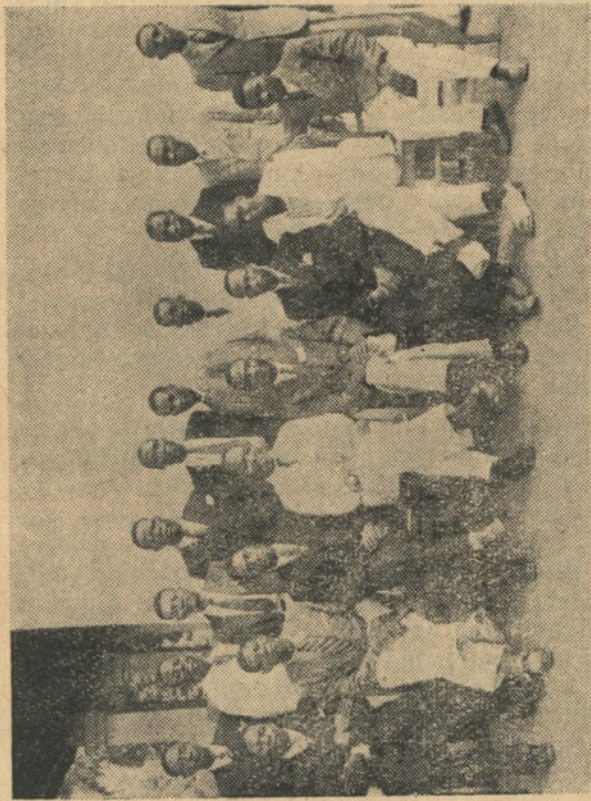
tarmos: porque somos assim tão desgraçados?... As vezes faltava-nos a coragem de olhar para os infelizes leprosos, muitos deles pareciam simples massas inertes. Contudo, o Sr. Dr. Kellersberger gosta muito dos seus doentes.

No dia seguinte, de manhã, as autoridades Belgas e Francesas tinham à disposição de todos os Congresionistas maximbombos, e outros meios de transporte, para uma visita ao Bairro indígena. Sonabata, estação Missionária a dezenas de quilómetro da cidade, e Brazaville, à tarde. Um grande grupo do qual eu também fiz parte preferiu a visita ao Bairro. As nove horas partiamos de Caliné e um oficial que ia a frente, de moto, servia-nos de cicerone. Fomos primeiro a praça onde as pessoas se contam a milhares vendendo de tudo. O comércio no Bairro indígena é controlado pelos naturais; visitamos o sanatório para tratamento de doenças venéreas e daí seguimos ao tribunal indígena, que estava em pleno funcionamento; ao centro, o sr. Juiz e aos lados os srs. Advogados; todos naturais, e quatros oldados para impor a ordem; em pé estava uma mulher e, sentado no banco dos réus, um homem. Todas as questões que exigissem pena menor eram aí resolvidas e correriam pelas estâncias superiores aquelas que apresentassem maior gravidade não deixando, na sequência do julgamento, o advogado do réu, de imprimir a sua influência até a decisão final. A situação de casas para habitação dos naturais está merecendo muita atenção por parte do Governo Belga e está envidando esforços para mandar construir casas modestas mas higiénicas; vimos já algumas concluídas e habitadas com vantagem de mais tarde virem a ser propriedades dos seus inquilinos uma vez que satisfaçam o pagamento da renda que regula entre Ags. 50,00 a 60,00 mensais durante sete

## DIÁRIO LUMA VIAGEM

ou doze anos. O inquilino só perderá o direito, se dentro do último prazo não liquidar a importância exigida. Continuamos até ao Estádio Municipal; o campo de futebol é relvado. Daí a piscina onde todas as pessoas em qualquer hora podem proceder ao exercício de natação. Damos uma volta a todo o Bairro e regressamos às 12 horas. As 14 horas estávamos prontos para visitar a colónia francesa de Brazaville. Atravessamos o rio Zaire no ponto onde tem cinco quilómetros de largura; dirigimo-nos depois a Câmara Municipal, onde fomos recebidos pelo seu Presidente e daí a Estação Emissora; fomos ao Estádio Municipal, visitamos depois duas estações missionárias e o nosso regresso se fez às 18 horas.

No dia seguinte continuaram os trabalhos do Congresso na parte de manhã, e a tarde depois da recepção, oficial animada com banda de música perante as autoridades das duas colónias, serviram-se profusamente chá e refrescos a todos que aí estavam presentes. No Domingo de manhã, dia 21, tivemos Culto Religioso; a tarde, nós, os delegados angolanos, fomos atender o convite que os nossos patrícios, aí residentes nos fizeram, os quais congratularam-se muito com a nossa presença e ofereceram-nos copiosos refrescos; tive ocasião de usar de palavra saudando a todos quantos aí se encontravam em procura do pão de cada dia. Um dos patrícios ao corresponder as minhas palavras, dominado por um sentimento nostálgico, chorou ansioso de querer voltar para sua terra. Para perpetuar a ocasião cheia de recordações fomos fotografados.



Depois de um copioso refresco um grupo de conterrâneos angolanos,  
residentes na cidade de Leopoldville, congratulando-se com  
a nossa presença, convidam-nos para uma fotografia.  
Ao centro, o Rev. Gaspar d'Almeida.

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

Os trabalhos do Congresso terminaram no dia 24 de Julho, depois de uma cuidadosa revisão das actas, ao fim da qual se fez um voto de confiança para se dar cumprimento integral de todos os assuntos aprovados. Uma comissão passará de cinco em cinco anos a inspeccionar os trabalhos nas Missões. Houve troca de agradecimentos entre os missionários e os delegados africanos, pela boa colaboração prestada de parte a parte em muitos problemas que se apresentavam difíceis. A noite sendo 20 horas, encerrou-se o magno Congresso, depois do serviço solene da Celebração da Ceia do Senhor.

Partimos no dia seguinte cerca das oito horas, depois do mata-bicho e, se cada missionário levou um trabalho por fazer, nós, os delegados africanos, levamos as boas novas do Congresso para serem anunciadas a todo o africano.

Tudo terminou gloriosamente. A intervenção de Deus, como era de esperar em assuntos tão humanitários, manifestou-se em todas as actividades. Os heróis que se envolveram na luta do bem usando como instrumento bélico *a espada do Espírito, que é a palavra de Deus*, saíram vitoriosos; e, como generais do exército de Deus, regressaram triunfantemente; e nós os acompanhamos com acção de graças. Esta retumbante vitória será festejada pelos africanos; o local e as datas 13 a 24 de Julho de 1946, figurarão na história da restauração da Raça. Glória, pois, a Cristo que permitiu tão grande vitória! Glória aos Missionários da Bíblia na mão!...

Viajamos no automóvel do Rev. Merrill Ferguson, ilustre director da Missão Evangélica de Chissamba. Faziam-nos companhia viajando no seu automóvel o Rev. Dwane Woln, ilustre Director da Missão



## DIÁRIO DUMA VIAGEM

de Chilleso, esposa e a secretária da Sociedade Missionária das Missões Canadianas. Numa carrinha viajavam as outras missionárias. Eramos ao todo catorze pessoas. Cerca das 11,30 horas estávamos na Missão Evangélica de Sonabata, onde o dedicado clínico sr. Dr. Rodolphe Bréchet, actualmente em Caluquembe, deixou o seu nome bem venerado entre os naturais, pela sua suprema bondade e inesquecíveis serviços aí prestados, como médico cheio de muita paciência e amor para com toda a gente. Os serviços hospitalares estão agora sob a direcção do ilustre médico, Dr. Glen Tutte que desenvolve aí uma acção também digna de todos os elogios no que diz respeito a higiene e a saúde dos povos. Visitamos as várias dependências do hospital e numa das quais encontramos, doentes, que apesar de tudo, se sentem muito felizes por acharem tão bom acolhimento e um tratamento tão carinhoso. Visitamos também a sala do curso de enfermagem, todo equipado com o material necessário. Aí têm sido preparado muitos enfermeiros nativos, aos quais os senhores Doutores não têm receio de lhes confiar a fazer pequenas operações. Tivemos o prazer de conversar com alguns desses enfermeiros já diplomados depois de quatro a cinco anos de estudo e prática. Partimos daí depois do almoço, rumo a Quimpense, uma importante Missão na preparação de obreiros para a grande obra do Senhor. Chegamos aí às 20 horas sendo bem recebidos pelo Director da Missão Rev. Edgar Morrish e esposa. Era já tarde, e depois do jantar, restava-nos ir dormir. No dia seguinte, 26, depois do pequeno almoço, fomos a igreja para render graças a Deus. Encontramos aí umas dezenas de pessoas na sua maioria jovens.

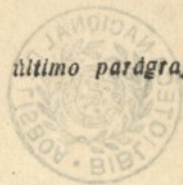
Depois de ouvirmos cantar hinos muito lindos em Bacongo, foi dada a palavra ao Rev. Ferguson que

## DIÁRIO DUMA VIAGEM

falou sendo interpretado pelo Rev. Morrish. Daí Visitamos as escolas e as oficinas.

Era tempo de férias, contudo, pelo que vimos deixa-nos crer que essa Missão tem sido o fúlcro principal na preparação intelectual e moral dos naturais dessa parte do Congo.

*Este título deve passar para o último parágrafo da  
página 38.*



## Regresso. Visitas às Missões de Sonabata e Quimpense

Partimos daí cerca das 10 horas, depois do lanche, com muitas saudades pela forma tão cativante como fomos tratados. Entramos agora no caminho por onde viemos e chegamos a fronteira às 23 horas; e depois das praxes regulamentares, fomos a Maquela do Zombo onde chegamos a meia noite.

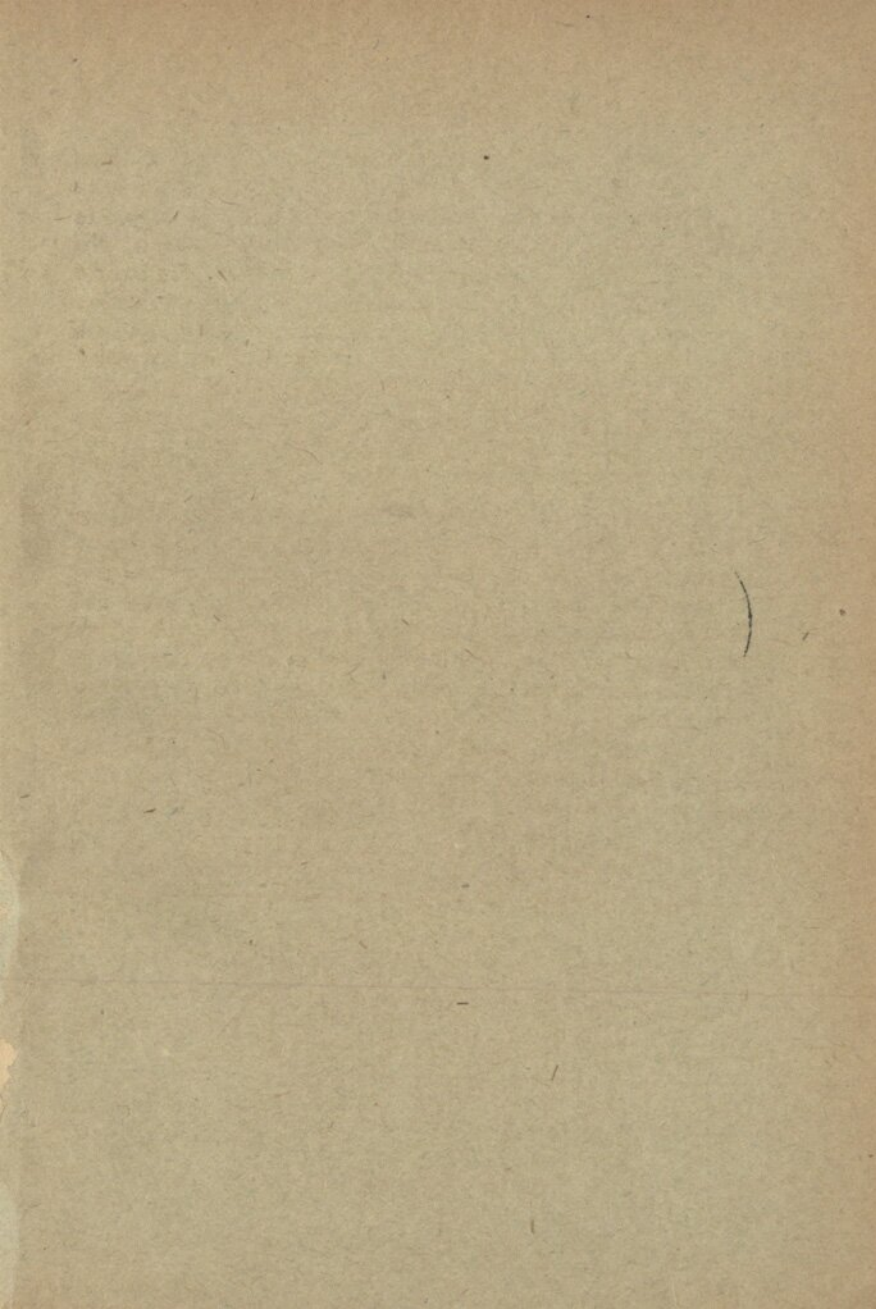
Agasalhou-nos o conhecido hoteleiro sr. Jacinto Fernandes. No dia seguinte 27, depois do pequeno almoço dirigimo-nos a Alfândega de onde partimos cerca das 11 horas, tendo chegado a Damba às 18. Resolvemos passar aqui a noite às dispensas duma pensão aí existente; porém, os missionários quando se dirigiram a sra. dona da pensão para preparar agasalho e jantar para nós todos, ela aceitou acomodar apenas aos brancos menos aos pretos com que estavam acompanhados. Isto obrigou aos missionários a desistirem de corresponder a todas as suas amabilidades, apesar de um dos meus colegas os aconselhar a ficar e nós passarmos de qualquer maneira. Depois



## DIÁRIO DUMA VIAGEM

de proverem os carros com o que era necessário, eram 19 horas, e a partida não se fez demorar. Às 22 horas depois de uma pequena refeição do lanche que ainda trazíamos, resolvemos dormir no campo. No dia seguinte levantamo-nos daí todos molhados de tanta neblina; todavia, bem dispostos para continuarmos a nossa viagem; daí a certa altura tivemos que parar para estender as roupas aproveitando ao mesmo tempo comer alguma coisa. Cerca das 13 horas estávamos em N'gage onde encontramos a passagem cortada por uma grande trave. Era o guarda fiscal em cumprimento de sua missão.

Feitas as revistas, partimos rumo a Camabatela e daí a Samba-Cajú onde chegamos às 18,30 horas. Hospedamos na Pensão que aí existe e no dia 29, segunda feira, depois do mata bicho partimos daí às 6,30 horas e chegamos a Lucala às 12. Aqui fiquei para esperar o combóio da quinta feira, dia 1 de Agosto, enquanto os meus companheiros de viagem continuaram até a Malange e Quéssua, onde deixariam o colega Freitas e daí para o Sul da Colónia. Depois de três dias de demora no Lucala, tomei o combóio que me trouxe até ao ponto da partida—Luanda.—Mahezu.



Composto e impresso  
na  
Tipografia Mondego  
Luanda-1948